



NIETZSCHE: A GENEALOGIA, O CORPO E A HISTÓRIA

Leonardo Rangel dos Reis¹
Celso de Jesus Silva²

RESUMO: *Nesta comunicação nos debruçaremos sobre alguns aspectos presentes na obra A Genealogia da Moral, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, principalmente na relação estabelecida entre genealogia, corpo e história evidenciando como o filósofo constrói o seu método genealógico pautado em uma concepção específica da história e do corpo no interior de sua genealogia. Um corpo histórico que, para se tornar inteligível, precisa ser depurado, “liberto” dos juízos valorativos, provenientes de uma moral de “escravos”, e, concomitantemente, precisa ser encarnado, em um corpus histórico, que por sua vez, também ultrapassa os limites estreitos do historicismo. (Em relação ao corpo “encarnado” é curioso observar que toda a terceira dissertação – o que significam ideais ascéticos? – é dedicada a desfazer os preconceitos e os juízos valorativos que criaram um mundo ideal. Segundo o autor, um dos maiores culpados por isso foi a instituição cristã, por instaurar um ideal de renúncia a este mundo. Porém, Nietzsche adverte que Platão foi uma fonte de inspiração, e serviu como uma espécie de “cristianismo para o povo”). Assim, comunicação pretende realçar aspectos concernentes ao método genealógico, desenvolvido pelo filósofo alemão e sua relação com a noção de corpo e história, mostrando que o filósofo se mantém afastado tanto de um historicismo pueris, quanto de uma metafísica alienante, desenvolvendo uma concepção agonística do corpo, que ultrapassa tanto os psicologismos, quanto os fisiologismos inatistas.*

Palavras-chave: Genealogia; História; Corpo.

INTRODUÇÃO

Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia?

Friedrich Nietzsche

O problema que conduz às análises da *Genealogia da Moral* é o da moral ocidental, abordado por Nietzsche seguindo três caminhos analíticos, distintos e complementares: 1. **Histórico**, análise sobre a evolução dos conceitos morais; 2. **Filológico**, onde o filósofo, através de uma minuciosa investigação etimológica – do grego, latim e alemão – analisa as designações

¹ Leonardo Rangel (autor). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, membro do Grupo de Pesquisas FORMACCE – Currículo, Complexidade e Formação, da FACED/UFBA. leonardorreis@hotmail.com

² Celso Silva (co-autor). Graduado em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia onde é membro do grupo de pesquisa Linguagem, Subjetividade e Representação. c.inae@ig.com.br



para “bom” e “mal”, identificando transformações conceituais sofridas por essa noção e detendo-se, dessa forma, no significado desses termos em diversas culturas; e, 3. **Psicológico**, amparado pelos seguintes questionamentos: que tipo de homem produziu determinados conceitos morais? Com quais fins? Para que?

O livro é dividido em quatro partes: o **prólogo**, onde Nietzsche define a noção de genealogia, o que ele se propõe a estudar, a sua tarefa enquanto genealogista; **primeira dissertação**: trata a dicotomia dos valores a partir da separação entre a “moral dos senhores” e a “moral dos escravos”, a separação entre “bem” e “mal”, “bom” e “ruim” e o ressentimento; **segunda dissertação**: aborda a formação da consciência ressentida, o aparecimento da consciência moral da culpa e a repressão dos instintos comuns à vida em sociedade que mantém estreito vínculo com a tríade pecado-culpa-castigo; e, a **terceira dissertação**: que é uma severa crítica ao ideal ascético, à invenção de um “mundo verdadeiro” (céu) que para ser alcançado requer a desqualificação do mundo empírico.

Para o filósofo a moral, até então, era colocada como uma evidência e não como um problema, por isso, é preciso reverter essa situação na qual a moral se encontra protegida. Ela deve ser colocada agora como um problema e seu valor questionado porque “trata-se do valor desses valores” (NIETZSCHE, 2005, p. 12). A genealogia rejeita qualquer interpretação em termos de progresso linear da história e da origem suprema dos valores. Ela coloca sob suspeita a possibilidade de um conhecimento verdadeiro acerca das coisas (porque existem interpretações e não há uma verdade única e originária, uma verdade universal. Nietzsche coloca a noção de verdade sob suspeita). A genealogia valoriza as configurações dos acontecimentos fincados numa época determinada, em um espaço de tempo específico com seus atritos, suas rupturas e gerados por “forças”. No entanto, Nietzsche não é um filósofo dos valores, se por isso se entender uma espécie de superposição de uma hierarquia objetiva de valores suficientemente empírica. Nietzsche está situado no interior de uma moralidade historicamente constituída, o genealogista não pode deixar se arrastar por uma análise que continuaria intelectualmente neutra, a moral deve ser questionada, estudada e criticada em seus aspectos nocivos. A Genealogia da Moral é essencialmente crítica e não fundadora de moral ou de imoralismo. Ela é uma interpretação da vontade de poder na multiplicidade de sua morfologia e de sua evolução, um método crítico da moralidade, uma polêmica (contra o cristianismo). Encaminhemos então o detalhamento dessas questões que são o fio condutor do nosso trabalho.

1. Prólogo: definição de genealogia (análise da moral cristã-ocidental e de um certa concepção de ética), o que ela se propõe a estudar e a sua tarefa e o objetivo de Nietzsche enquanto genealogista: “tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão *de onde originam* verdadeiramente nosso bem e nosso mal (...), sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? E que valor têm eles? (NIETZSCHE, 2005, § 3, p. 9). Para Nietzsche a moral, até então, era colocada como uma evidência e não como um problema é preciso reverter essa situação na qual a moral se encontrava protegida. “Tomava-se o *valor* desses ‘valores’ como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao ‘bom’ valor mais elevado que ao ‘mau’, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda” (NIETZSCHE, 2005, prólogo § 6, p. 12). A moral deve ser colocada agora como um problema e seu valor questionado porque “necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão*”(NIETZSCHE, 2005, prólogo § 6, p. 12), na genealogia trata-se do valor desses valores e o que Nietzsche enuncia como “problema do valor” não é o da



objetividade dos valores, mas o do valor da própria moral, da reiteração da avaliação desses valores (§ 186 de A. B. e do Mal). A genealogia é o estudo, a investigação “da longa, quase indecifrável escrita hierográfica do passado moral humano!”(NIETZSCHE, 2005, § 7, p. 13). Essa moral surge a partir da vivência do homem na terra, logo, ela não é dada por um deus ou por um profeta, ela não é algo dado é uma construção.

2. Primeira dissertação: o aspecto psicológico da moral encontra-se na esfera do Senhor e do escravo. A moral senhorial é aquela da auto-afirmação (uma moral de força ativa, de ação) a qual determina seu valor a partir de si mesma, essa é contraposta a moral do escravo (moral de força reativa, moral de reação, uma força dominada, submissa, inferior por sua qualidade) a qual determina seus valores a partir dos outros, é a moral do ressentimento. A moral do escravo é a moral do mal perdedor que culpa os outros por suas derrotas, fracassos, desenganos; o escravo se coloca como ovelha sem pastor (NIETZSCHE, 2005, § 7, p. 13). Os senhores, nobres, criam ou tomam para si o direito de criar valores e subjugar outros através desses mesmos valores, como por exemplo, a compaixão. O cristianismo interpreta a compaixão como algo moralmente sublime e não a vê como um acontecimento nocivo, como uma fraqueza, nele a fraqueza é transformada em mérito, em virtude moral e premiada. E se a compaixão fosse símbolo de fraqueza, como em algumas sociedades orientais? E se víssemos nela algo negativo, nocivo ou ameaçador à vida? (NIETZSCHE, 2005, p. 13). Os escravos transformam os conceitos (como a fraqueza) em virtude, eles transformam o ódio em virtude, invertendo os conceitos. Os homens de ressentimento constroem artificialmente a sua felicidade, persuadem-se dela, mantêm-na para si, vivem uma vida falseada por débeis conceitos morais eles desqualificam a vida terrena em busca da redenção em um céu, buscam um mundo melhor, uma vida num paraíso espelhada nos ideais do “crucificado”. Nietzsche quer mostrar que os nossos conceitos morais se sustentam em solo frágil.

A distinção entre uma estirpe senhorial em relação a uma estirpe baixa, originou a oposição “bom” e “ruim”. Essa oposição foi construída culturalmente de acordo a necessidades de dominação de uma determinada cultura, povo, raça ou religião. “Foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em oposição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, vulgar e plebeu” (NIETZSCHE, 2005, p. 19). Nietzsche mostrou como aconteceu o *pathos*³ da distância que se estabeleceu entre o que é soberano e o que é baixo, ou seja, senhor e escravo. Dessa forma, “em toda parte, ‘nobre’, ‘aristocrático’, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu ‘bom’, no sentido de ‘espiritualmente nobre’, ‘aristocrático’, de ‘espiritualmente bem-nascido’, ‘espiritualmente privilegiado’: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz ‘plebeu’, ‘comum’, ‘baixo’ transmutar-se finalmente em ‘ruim’” (NIETZSCHE, 2005,p. 21).

3. Segunda dissertação: trata do nascimento da má consciência onde Nietzsche analisa o corpo como o lugar do castigo, lugar onde se desenvolveu o Estado, a punição, o direito moderno e a justiça, essa última surgiu, segundo Nietzsche, como tudo que deve ser pago, na relação de credor e devedor (se existem leis que estão em acordo a todos e apenas um desobedece, esse deve ser rigorosamente punido). O castigo surgiu por crueldade a qual fez nascer os conceitos morais, o conceito de culpa, por exemplo, está em relação ao conceito de dívida. O “pecado

³ *Pathos*. Na língua francesa designa aquilo que é “totalmente diferente” e no grego pode-se traduzir como “amor ao distante”, “sentimento de distância”. (Cf. NIETZSCHE, 2005, p. 19).



original” – “nossa culpa” – é a nossa eterna dívida para com Deus, ele é nossa mancha na vida do Nazareno o qual derramou sangue para nos redimir, para pagar nossas dívidas anteriores, o início da nossa culpabilidade se deu pelo sangue. Deus é o nosso credor: o credor se sacrifica por seus devedores, por amor a esses. “Quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as ‘coisas boas’”. “(...) todas as coisas boas foram um dia coisas ruins; cada pecado original tornou-se uma virtude original”. A história marcou o corpo e pintou a arquitetura do direito com letras de sangue. O Estado nasceu pela violência e pela dominação e não pelo contrato, como nas sociedades antigas de soberania. “*Nesta* esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: ‘culpa’, ‘consciência’, ‘dever’, ‘sacralidade do dever’ – o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue”.

Nietzsche faz uma análise da má consciência como uma antinomia da moral e da vida, a da força voltada contra ela mesma. “A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta* é a origem da má consciência”. O filósofo chama atenção a duas palavras acerca da origem e da finalidade do castigo que muitas vezes são confundidas. Os genealogistas da moral usam o castigo com um fim qualquer (vingança ou intimidação), mas adverte ele: “não se pode aplicar penalidades posteriormente elaboradas a história das origens”, com isso ele está ressaltando que origem e finalidade são pontos separados. Os fatos no mundo orgânico estão ligados às idéias de subjugar, de dominar e isso equivale a acomodação de coisas novas a fins. O castigo antes era para punir, mas o fim e utilidade são apenas indícios que a vontade poderosa subjuguou outro menos potente e deu nova finalidade, com isso, toda história de qualquer “coisa”, “costume”, pode ser uma cadeia interrompida de interpretações e aplicações sempre novas, e que as causas não estejam ligadas entre si.

O Direito, por exemplo, surgiu do suplicio, da morte, do derramar de sangue e da vingança. Para o filósofo em questão, a dor compensa as dívidas porque o fazer sofrer causa prazer a parte ofendida e alimenta a intensidade de acordo com o nível social. O filósofo indaga: “como é que o fazer sofrer pode ser uma reparação”? E conseqüentemente responde: “hoje nos repugna, em nossa delicadeza hipócrita, ser a crueldade o gozo favorito da humanidade primitiva”. O filósofo mostra a espiritualização e divinização progressiva da crueldade que deixou marcas na cultura superior (do homem) e ousa dizer que aí está sua origem.

4. Terceira dissertação: A pesquisa genealógica permite identificar a origem da moralidade, da justiça, do castigo, que favorece a formação do tronco de uma raça e suas marcas sutis. A luta do animal humano, por exemplo, pela sobrevivência, na qual o homem se estabelece com o fim de se eternizar e consegue manter a raça. A partir daí, surge a individualidade de cada um dentro da própria espécie. Essa individualidade aparecerá em um outro contexto menos agressivo. Vejamos o exemplo do egoísmo em *Além do Bem e do Mal*, § 262. Aqui Nietzsche faz uma alusão ao homem em sua sobrevivência na qual está permeado pelas teorias darwinistas. O homem se sobrepõe às outras espécies e alguns deles sobre a própria. O exemplo dado por Nietzsche é do afloramento do egoísmo comparando-o a uma disputa pela luz numa floresta tropical. Nesse aspecto o homem atinge um ponto perigoso o qual ultrapassa a moral antiga e precisa de uma legislação (que são as artes e astúcias para autopreservação, auto-elevação e auto-redenção).

Quando a vida revela em sua finitude – a velhice, as doenças e a morte são bons exemplos – o homem acaba percebendo que, como ele, tudo é finito e o que sobra é uma espécie



de homem medíocre que leva a espécie em frente e mostra o discurso dessa mediocridade que, por outro lado, não pode se mostrar claramente e não poderá desnudar sua situação irônica, com isso terá de falar de amor, dignidade, etc. Essa força (egoísmo), luta com ele mesmo (com o homem) e se divide, não só na luta vitoriosa, mas também no enfraquecimento. Nesse caso surge o ascetismo, que fará transformar os defeitos em qualidades para a manutenção do poder e para a realização da vida num outro plano. No aforismo 28 Nietzsche afirma que o ideal ascético não tem finalidade e objetivo porque ele não responde, de forma totalmente satisfatória, o porquê da existência do homem, e com isso salva a vontade. O ideal ascético se expressa como um dado fundamental na vida e na vontade do homem, por isso, “o seu horror ao vácuo: ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer”.⁴ O ideal ascético leva o homem a se menosprezar, leva-o ao niilismo. Mas o filósofo não afirma que a religião é ruim, para ele, ela é um remédio, um refúgio para os fracos.⁵ Portanto, o ideal ascético é um ideal de cura, um remédio para os doentes, um paliativo para os condenados o qual “nasceu do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência. (...) De um lado uma espécie de concentração e organização dos doentes (– a palavra “Igreja” é o nome mais popular para isso)” (NIETZSCHE, 2005, p. 118).

Não existe, em Nietzsche, uma verdade última sobre as coisas, não se chega à posição originária de um significado, essa posição é também aceita por Foucault o qual rejeita qualquer interpretação histórica em termos de processos lineares ou orientados para um fim ideal. A diferença entre uma genealogia e outra é que Nietzsche está na região moral e Foucault, além da região moral, está na região do poder e do saber. No entanto, a genealogia de ambos descarta a noção de uma gênese “divina”, primordial, dos valores, da moral e da história, elas buscam a gênese de um discurso através da história, não uma gênese suprema, mas várias gêneses que se alternam pela história em épocas diferentes e que surgem de acontecimentos “baixos”, pobres. No projeto genealógico o mais importante é encontrar os arranjos da história, não se quer decifrar o verdadeiro e sim perceber os “arranjos de verdade” nela contidos.

Entender essa pesquisa genealógica implica em identificar uma nova proposta que se insinua, cercar, delimitar, conhecer, entender e interpretar os acontecimentos históricos, assim como reconhecer as bases de uma crítica à racionalidade ou a possibilidade de um acontecimento absoluto na história e na moral.

Nietzsche encerra a *Genealogia da Moral* mostrando a encruzilhada em que nos encontramos presos depois da morte de Deus. Ele (Deus) não explica mais nada. O filósofo fez um diagnóstico do presente sugerindo um caminho desesperado para superar o caos em que nos encontramos. Nietzsche nos ensina a assumir a vida como fez o crucificado ao tomar sobre os ombros a cruz do seu próprio destino, assumir a vida com toda sua tragicidade, em seus aspectos trágicos e além de toda e qualquer receita moral.

⁵ Posição parecida foi adotada por Karl Marx para o qual a religião é uma espécie de remédio para os fracos, ela é “expressão e protesto da miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo”. Cf. *Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle. Boitempo Editorial, 1ª edição. São Paulo: 2005, p. 145.



REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a Genealogia, a História.** Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Pensamentos. Tradução de Elisa Monteiro. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

Friedrich Nietzsche. **Genealogia da Moral – uma polêmica.** Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2ª edição. São Paulo: 2005.

Friedrich Nietzsche. **O Anticristo – maldição ao cristianismo.** Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2ª edição. São Paulo: 2005.

_____. **Humano, Demasiado Humano – Um Livro para Espíritos Livres.** Tradução de Paulo César de Souza. Companhia da Letras, São Paulo: 2005.

_____. **Aurora – reflexões sobre os preconceitos morais.** Tradução de Paulo César de Souza. Cia das Letras, São Paulo: 2006.

_____. **Para Além do Bem e do Mal – prelúdio a uma filosofia do futura.** Tradução de Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, São Paulo: 2006.